

O OLHAR DO ARTISTA SOBRE O TRABALHO: UMA ANÁLISE DOS SENTIDOS E VALORES NA ARTE PÚBLICA EM JOINVILLE

Juliana Rossi Gonçalves¹
Taiza Mara Rauen Moraes²

Resumo: O presente texto aborda a arte pública da cidade de Joinville, em Santa Catarina, que sustenta sentidos sobre a mão de obra trabalhadora de operários e de indústrias da cidade. Para esse recorte, foram selecionados quatro monumentos públicos localizados em praças e pontos estratégicos da cidade: “Monumento ao Imigrante”, do artista Fritz Alt, “O Fundidor”, do artista Paulo de Siqueira, “Mão Tecelã”, do artista Marcos Avancini e “O Calceteiro”, de Mário Avancini. Nessa análise, utilizamos os critérios de valores definidos pela socióloga francesa Nathalie Heinich (2018), originários de sua pesquisa sobre a fabricação do patrimônio. A análise demonstrou que, nos casos citados, a arte foi utilizada para convalidar o estatuto de “povo trabalhador” da cidade, por simbolizar a mão de obra trabalhadora, deixando em segundo plano a autoria do artista e a manutenção das esculturas públicas.

Palavras-chave: monumentos, arte pública, trabalho, patrimônio cultural.

O presente texto propõe uma análise dos sentidos que determinados monumentos sustentam sobre a mão de obra trabalhadora de operários e de indústrias. Para tal, foram selecionados quatro monumentos públicos localizados em praças na cidade de Joinville, em Santa Catarina, que sustentam sentidos sobre a mão de obra trabalhadora de operários e de indústrias da cidade. Os monumentos selecionados foram: “Monumento ao Imigrante”, do artista Fritz Alt, “O Fundidor”, do artista Paulo de Siqueira, “Mão Tecelã”, do artista Marcos Avancini e “O Calceteiro”, de Mário Avancini.

Além dos sentidos, as esculturas possuem em comum localizações estratégicas na cidade que reiteram essa simbologia. O que difere uma escultura da outra é o material utilizado, como bronze, pedra, sucata e cimento, além do estilo artístico, manutenção e grau de depreciação.

¹ Doutoranda em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE e bolsista CAPES-Prosuc. Professora da Escola de Artes Fritz Alt (EAFA) da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior. E-mail: julirossi@gmail.com.

² Professora Doutora titular da Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade e no curso de Licenciatura/Bacharelado em Letras. E-mail: moraes.taiza@gmail.com.

No presente texto, foi realizada uma análise dessas esculturas públicas selecionadas a partir dos critérios de valores definidos pela socióloga francesa Nathalie Heinich (2018), originários de sua pesquisa sobre a fabricação do patrimônio.

Estátuas e monumentos públicos em Joinville: um panorama da arte e dos artistas

Ao caminhar pela cidade de Joinville/SC, é possível notar esculturas e monumentos em algumas ruas e praças da cidade que representam políticos e figuras históricas da cidade. Já outras esculturas são alegóricas, pois são a representação de ideias, símbolos e pensamentos da população ou de uma parcela da população. Essas esculturas estão estrategicamente distribuídas em diversos pontos da cidade, mas principalmente na região central demarcando simbolicamente o espaço público.

Fritz Alt (1902-1968), nascido na Alemanha, se destacou como produtor de esculturas públicas na cidade. Realizou alguns cursos de artes em Offenbach e em Frankfurt e aos 19 anos alistou-se voluntariamente para lutar na Primeira Guerra Mundial (HEINZELMANN, 1992). Um ano depois, veio para o Brasil e após triagem no Rio de Janeiro, foi enviado a Joinville para trabalhar na lavoura, momento de sua trajetória marcado pela malária, doença tropical que redirecionou sua vida. Foi tratado pelo capitão-médico Ernesto de Oliveira, do 13º Batalhão de Caçadores e passou a fazer serviços gerais de pintura naquele local (HEINZELMANN, 1992). Na década de 1920, passou a produzir suas primeiras esculturas em argila e em bronze.

O “Monumento ao Imigrante”, conjunto de esculturas em bronze, foi construído em 1951 em comemoração ao Centenário da cidade e demarca o espaço inicial de urbanização de Joinville. O monumento apresenta num lado, um imigrante, empunhando um machado e um nativo, uma espingarda, representando o desbravamento e a tomada de terras. Em junho de 2019, a figura do nativo teve o seu braço com a espingarda cortado (figura 1) (SAAVEDRA, 2019).

Figura 1. “Monumento ao Imigrante”, de Fritz Alt.



Foto de Salmo Duarte/A Notícia. 2019.

Do outro lado da escultura, há uma mulher com seus dois filhos, que expressam as gerações futuras e a construção da família e de uma nova pátria, com seus pertences num baú (HEINZELMANN, 1991; GUERREIRO, 2007).

O Monumento fica localizado próximo ao chamado “Marco Zero” da cidade, local onde os primeiros imigrantes desembarcaram (HEINZELMANN, 1991). Estrategicamente localizado na Praça da Bandeira, situa-se em frente ao Terminal Central de ônibus da cidade, meio de transporte que uma grande parcela da população trabalhadora joinvilense utiliza para sua locomoção diária.

Além de romantizar a relação entre o imigrante e o nativo (lado a lado, sem conflitos pela tomada de terras), os sentidos dessa obra representam a nova população “trabalhadora” da cidade, que iria trazer a “civilidade”. Segundo Radun e Coelho (2018, p. 12),

Parte da historiografia valeu-se da narrativa desse momento fundador para criar a imagem do elemento pioneiro e do mito civilizador dos imigrantes alemães que, com “esforço colonizador”, teriam promovido o progresso e a evolução histórica da cidade até o presente.

Já o monumento “O Fundidor” (figura 2), do artista Paulo de Siqueira (1949-1996), foi inaugurado em março de 1979, perto do aniversário de 41 anos da Fundação

Tupy³ e no aniversário de Joinville. Esse monumento é “focado no mito do trabalho” (MOSEK, 2011, p. 67). É um “titã de sucata que homenageia os operários da indústria de fundição” (GROTH, 2005). A estátua possui 7 metros e 3,2 toneladas e fica em frente à Fundação Tupy.

Figura 2. “O Fundidor” do artista Paulo de Siqueira.



Fonte: Maria Helena Scaglia (s/d).

O presidente da Empresa Tupy, Dr. Hans Dieter Schmidt, promoveu na época um concurso para a realização de um painel e de uma escultura em homenagem ao trabalhador. O vencedor do projeto de painel foi o artista Schwanke, porém não foi executado devido o alto custo. Quem ganhou o projeto da escultura foi Paulo de Siqueira (SCAGLIA, s.n.t.), natural da cidade de Soledade (RS). Suas obras monumentais marcaram pelos materiais utilizados como ferro, sucata de produtos industrializados e ferro velho. Suas esculturas estão espalhadas principalmente pelo sul do Brasil, em cidades como Passo Fundo (RS) e Chapecó (SC). Assim como em grande parte de suas obras, a escultura “O Fundidor” possui um dos braços elevado ao céu e uma das pernas apoiada, como se fosse saltar (SCAGLIA, 1997). O Fundidor “segura

³ A Fundação Tupy foi fundada em 1938, em Joinville, e tem capacidade para produzir 835 mil toneladas anuais de peças em ferro fundido. Emprega cerca de doze mil pessoas e exporta metade de sua produção para aproximadamente 40 países (PERFIL, 2021).

assim, com uma das mãos, o esforço, o trabalho, e, com a outra, a vitória. Um vencedor.” (SCAGLIA, s.n.t.).

Localizada na Praça 1º de Maio, no Bairro Boa Vista, foi restaurada em 2020 passando por um processo de “recuperação com soldagem, tratamento de superfície e nova pintura” (SILVEIRA, 2020), como também em 2007. Ambas as restaurações foram realizadas pela própria Tupy, pela Equipe de Manutenção Corporativa.

Na época da inauguração da estátua, o intuito da obra foi ver a cidade

(...) como uma metrópole urbana de efervescência industrial, legitimadora da proposta mundial, neoliberal e globalizada, primando pela dimensão expansionista e inserção no mercado exportador. Portanto, o *Monumento ao Fundidor (1979)*, foi projetado como um mecanismo catalizador ideológico ao materializar o imaginário da cidade moderna, com a representação do trabalhador espelhada na figura de um deus mitológico que é vencedor (...) (MOSER, 2011, p. 67).

O discurso desenvolvimentista nacional da época foi legitimado localmente pela arte, representado aqui como a “força do trabalhador como um ‘empreendedor’ que alavancou o progresso e o desenvolvimento, (levando o trabalhador a) acreditar que é parceiro do dono da empresa nesta empreitada do desenvolvimento do país” (MOSER, 2011, p. 68).

Em Joinville é recorrente a representação da classe trabalhadora e dos operários nas esculturas públicas, como a força-motriz disciplinada e ordeira que move a cidade. Machado (2018, p. 31) salienta que

Já nas primeiras décadas do século XX, circulou pela imprensa local a ideia de que em Joinville, por conta de suas origens germânicas, vivia uma população ordeira, que respeitava as leis e as autoridades e que não se negava a cumprir com seus deveres no mundo do trabalho. Contudo, por mais irônico que possa parecer, o epíteto ‘Cidade da Ordem’ foi uma invenção historiográfica em trabalhos que visaram a demonstrar, a partir de investigações sobre o passado, que a cidade não era tão ordeira como se imaginou.

Outro exemplo do “culto” ao trabalho e ao trabalhador é a “Mão tecelã” (figura 3) esculpida pelo artista/escultor Marcos Avancini. Assim como no “Monumento ao Imigrante”, a escultura foi inaugurada na véspera do aniversário da cidade, em 8 de março de 2000. Localizada em uma rotatória em frente à indústria têxtil Döhler, exemplifica novamente o quanto a arte presente em monumentos é acionada na cidade para a representação de sentidos associados à mão de obra trabalhadora.

Figura 3. “Mão tecelã”, escultura de Marcos Avancini.



Fonte: Google Maps (2019).

A peça produzida em mármore possui 2,80 m de altura (com a base) e pesa 5 toneladas. Segundo Marcos Avancini, a peça foi encomendada pelo dono da empresa, Udo Döhler, ex-prefeito da cidade (2013–2020), para homenagear os trabalhadores da fábrica de tecelagem.

Marcos Avancini, filho mais novo do também escultor Mário Avancini (1926-1992), aprendeu o ofício com o seu pai, filho de imigrantes italianos, e começou suas atividades profissionais como calceteiro na cidade. A partir da década de 1970 Mário Avancini consolidou sua trajetória como escultor e professor de Cerâmica da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior, polo cultural da cidade.

Mário Avancini produziu a escultura pública “O Calceteiro” (figura 4) na “Praça do Calceteiro”, logo após a “Ponte do Trabalhador”, localizada no Bairro Boa Vista. Seu filho restaurou a escultura em 2010. Atualmente, a escultura encontra-se escondida em meio a diversas árvores, sem nenhuma informação e placa de identificação de autoria do artista, dificultando a sua localização e contextualização no tempo-espaço. Essa escultura demanda uma pesquisa mais aprofundada, pois até o momento não foram encontradas informações disponíveis na Internet e em trabalhos acadêmicos. A única foto e informação disponível encontrada foi no blog “Arte Jlle”⁴, que direciona a um *site* de um portal de notícias que não existe mais.

⁴ O blog “Arte Jlle” é resultante da pesquisa de Mestrado em Educação defendida em 2014 na Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), de autoria de Juliana Rossi. Disponível em: <http://artejlle.blogspot.com>.

Figura 4. “O Calceteiro”, de Mário Avancini, sem placa de identificação.



Fonte: Juliana Rossi Gonçalves, 2020.

Os artistas/escultores citados fizeram da cidade sua morada – exceto Paulo de Siqueira, que morou em Chapecó/SC – e viveram/vivem de arte na cidade. As esculturas foram inauguradas em comemoração aos aniversários de Joinville. Por isso, representam um “presente” para a cidade, mas também uma “ode” à fábrica demarcando sua presença nos espaços públicos com esculturas que enaltecem a identificação de Joinville como uma cidade industrial.

A localização é outro fator relevante nessa análise – todas as esculturas citadas estão localizadas em pontos estratégicos da cidade perto das indústrias ou de marcos importantes para o trabalhador, como a Ponte do Trabalhador e o Terminal Central de Ônibus – transporte utilizado por grande parte dos trabalhadores joinvilenses. Porém, uma questão que nos inquieta é se os joinvilenses se sentem representados por esses patrimônios, visto que essas esculturas foram alvos de depredações, como o “Monumento ao Imigrante” e “O Calceteiro”.

Observa-se que artistas contemporâneos da arte de rua como Banksy são ovacionados. Suas obras públicas tomaram valores descomunais no mundo da arte. Na maioria das vezes, seus trabalhos são protegidos⁵, degradados ou roubados, mesmo que

⁵ “Para proteger as obras de arte de rua no espaço urbano, algumas instituições decidem afixar placas de acrílico, o que nem sempre evita danos” (OBRA, 2019).

estejam em uma parede ou muro, como foi o caso da obra “Trabalho Escravo”, que foi arrancado de uma parede em Londres e leiloado em 2013 em Miami (OBRA, 2019)⁶. Aqui há uma contradição da arte pública de tornar-se particular, no momento que conquistou sua fama e seu alto valor financeiro ao entrar no circuito legitimado de arte, como os leilões e galerias.

Em Joinville parte da população nunca ouviu falar nos artistas que produziram as obras e muitas vezes não sabem o que representam. Mesmo assim, como acontece com Banksy, as obras públicas também são depredadas, porém os fragmentos roubados não entram nos circuitos legitimadores da arte. E, quando o acontecimento se transforma em notícia, viraliza, e num prazo temporal rápido é esquecido, como ocorreu com a depredação de um braço do nativo no “Monumento ao Imigrante”, de Fritz Alt.

Análise de valores da arte pública de Joinville sob a ótica de Nathalie Heinich (2018)

Segundo a socióloga francesa Nathalie Heinich (2018), um artefato adentra o conjunto do patrimônio cultural por razões sociais e culturais. Por meio de uma pesquisa de campo realizada na França, a pesquisadora estudou os critérios utilizados pelos especialistas do patrimônio a partir da sociologia pragmática, em que “considera tanto os objetos quanto os sujeitos em termos de suas ações, em vez de tratá-los como suportes passivos de projeções – sejam projeções de categorias sociais ou de representações coletivas etc.” (HEINICH, 2018, p. 178). A autora afirma que

Os conflitos em torno da arte contemporânea são hoje um bom exemplo destas situações em que detratores e defensores não apenas não compartilham os mesmos valores, mas, sobretudo, não aplicam os mesmos registros de valores aos mesmos objetos (HEINICH, 1998, p.44 *apud* MAGNELLI; RIBEIRO, 2018).

Heinich definiu valores⁷ subjacentes a esses critérios, que podemos analisar a partir da ótica das esculturas públicas joinvilenses abordadas no presente texto. O valor de autenticidade se refere à “integridade do vínculo entre o estado atual do objeto e sua

⁶ Parece que nos últimos anos o artista mudou sua postura para evitar os leilões de suas obras públicas em muros. Segundo o colecionador e especialista em arte de rua, Nicolas Laugero-Lasserre, “Banksy não cria mais em locais públicos, ele fez de propósito para que as pessoas não vendam mais os muros” (OBRA, 2019).

⁷ A definição de valor de Heinich é: “(...) princípios que regem os juízos de valor” (HEINICH, 2018, p. 179).

origem” (HEINICH, 2018, p. 180). É uma condição absoluta ao patrimônio, está sempre presente.

Sobre o valor de antiguidade, o “Monumento ao Imigrante” tem o maior valor, por ser o monumento mais antigo. Mas, curiosamente, é também o que mais está depredado. O valor de antiguidade se refere “à duração do vínculo com a origem” (HEINICH, 2018, p. 180). A “Mão Tecelã” de Marcos Avancini aparentemente foi a única que não sofreu depredação ou restauração.

A escultura de Mário Avancini, “O Calceteiro”, se destaca pelo seu valor de raridade. Essa escultura foge do padrão artístico do artista, que produzia peças e esculturas principalmente em pedras como o mármore, com estilo abstrato geométrico em grande parte de sua vida artística. “O Calceteiro” foi feito com cimento e reproduz uma figura humana, em tamanho real.

O valor de beleza pertence ao registro estético. É um critério proscrito, pois é “considerado subjetivo demais para sustentar um tratamento científico (...), qualquer que seja o seu critério: harmonia, simetria, elegância, (...) ou tipicidade” (HEINICH, 2018, p. 179-180).

O valor de significação é variado em todos os monumentos, mas se levarmos em consideração os elementos formais da obra, o valor é mais forte no “Fundidor”, por sua estrutura colossal e pesada. Por esse motivo poderia estar incluído no regime de singularidade (originalidade). No “Monumento ao Imigrante”, por estar perto de um local de grande circulação de pessoas e estar acessível (fora de um pedestal ou base), é grande a sua “capacidade de transmitir um significado, de simbolizar algo, de aceitar comentários, interpretações” (HEINICH, 2018, p. 180), incluindo-se ao mesmo tempo no regime de comunidade.

Segundo Heinich (2018, p. 182), o patrimônio “pode satisfazer as expectativas tanto de singularidade quanto de comunidade”, caracterizando um duplo status axiológico, de uma hierarquia e um sistema de valores próprios do domínio do patrimônio cultural. A pensadora ao citar Genette, afirma que é a relação que faz o objeto estético, e não o objeto que faz a relação estética. A função patrimonial que é atribuída ao objeto que o torna um bem patrimonial, pois o valor é proposto e administrado ao objeto (HEINICH, 2018). Portanto, ocorrendo ou não uma

identificação e reconhecimento da população joinvilense com as esculturas públicas, a análise indica que, assim “como os valores, a identidade não é uma realidade objetiva, mas uma representação coletiva mais ou menos compartilhada” (HEINICH *apud* BASTIÉ, 2018). Se levarmos em consideração os autores das esculturas, artistas, imigrantes, filhos de imigrantes e trabalhadores da arte desbravaram um difícil caminho de reconhecimento artístico na terra dos “operários” e das indústrias.

Considerações finais

Em Joinville, apesar dos monumentos e esculturas públicas espalhados pela cidade possuem valores patrimoniais, observa-se a precariedade de preservação de algumas esculturas que sufocam os valores da arte utilizada como um instrumento ideológico e representativo do povo trabalhador.

Questiona-se, a partir das situações de depredação dos monumentos/esculturas, como as políticas públicas podem criar ferramentas de fomento em prol da preservação desses patrimônios, ou como é possível alavancar um debate com a população através de participação cidadã no cuidado com o patrimônio? Mas afinal, é interesse da população ter cuidado com esses patrimônios?

Esperamos que esse texto suscite novas provocações e discussões acerca da arte pública e de sua representatividade no espaço urbano.

Pensar sobre a cidade e como a arte é acionada para instituir ideologias é fundamental para abrir novos caminhos teóricos na compreensão da fabricação do patrimônio cultural, especificamente em um contexto local, da cidade de Joinville/SC.

REFERÊNCIAS

BASTIÉ, Eugénie. Entrevista com Nathalie Heinich. **Jornal Le Figaro**, 9 out. 2018. Vox Societé. Disponível em: <<https://www.lefigaro.fr/vox/societe/2018/10/09/31003-20181009ARTFIG00296-nathalie-heinich-choisir-son-identite-a-la-carte-est-un-fantasme-d-enfant-roi.php>>. Acesso em 28 mar. 2021.

DIETER Schmidt apresentou despedidas na inauguração do Monumento. **Jornal A Notícia**, Joinville, 9 mar. 1979, p. 16.

GROTH, Marlise. O retorno do titã. **Jornal A Notícia**, Joinville, 29 jul. 2005. Anexo, p. C1.

GUERREIRO, Walter de Queiroz. **Fritz Alt: a vontade do desejo**. Joinville: Letra d'água, 2007.

HEINICH, Nathalie. A fabricação do patrimônio cultural. Tradução de Diego Finder Machado e Fernando Cesar Sossai. **Fronteiras: revista catarinense de História**, n. 32, p. 175-186, 2018/02.

HEINICH, Nathalie. **Le triple jeu de l'art contemporain**. Sociologie des arts plastiques. Paris: Les Éditions de Minuit, 1998.

HEINZELMANN, Silvia. **Fritz Alt**. Joinville: Fundação Cultural, 1991.

MACHADO, Diego Finder. **Marcas da profanação: versões e subversões da ordem patrimonial em Joinville-SC**. Florianópolis: Doutorado em História/ Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), 2018, 441 p. Tese Doutorado em História.

MAGNELLI, André; RIBEIRO, Liz. **Arte Contemporânea, um dever de radicalização**. Reflexões em torno de Nathalie Heinich. 2018. Disponível em: <<https://blogdolabemus.com/2018/04/16/arte-contemporanea-um-dever-de-radicalizacao-reflexoes-em-torno-de-nathalie-heinich-parte-1-por-andre-magnelli-e-liz-ribeiro/>>. Acesso em 26 mar. 2021.

MAZZARO, Rafaela. 20 anos de luto. **Jornal A Notícia**, Joinville, 26 set. 2012. Anexo, Caderno de aniversário do A Notícia, p. 37.

MOSER, Eliane. **Leitura semiótica dos monumentos “Ao Imigrante e ao Fundidor”**: uma experiência estética dos sentidos. Joinville: Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade/ Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE), 2011, 151 p. Dissertação Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade.

OBRA de Banksy é roubada no Centro Pompidou, em Paris. **Folha de São Paulo**. 03 set. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/09/obra-de-banksy-e-roubada-no-centro-pompidou-em-paris.shtml>>. Acesso em 17 mar. 2021.

PERFIL. Fundação Tupy. Disponível em: <<https://www.tupy.com.br/portugues/empresa/perfil.php>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

RADUN, Denis Fernando; COELHO, Ilanil. Bosque Schmalz: uma herança contestada na cidade de Joinville (SC). **Confluências Culturais**, v. 7, número especial: 10 anos do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade, p. 9-26, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.21726/rccult.v7i0.650>>. Acesso em 18 mar. 2021.

SAAVEDRA, Jefferson. Escultura de Joinville que foi alvo de vandalismo deve passar por restauração. **Capa NSC Total**. 04 jun. 2019. Disponível em:

<<https://www.nsctotal.com.br/colunistas/saavedra/escultura-de-joinville-que-foi-alvo-de-vandalismo-deve-passar-por-restauracao>>. Acesso em 17 mar. 2021.

SCAGLIA, Maria Helena. **Breve histórico do monumento o Fundidor**. S.n.t.

SCAGLIA, Maria Helena. Um ano sem o escultor e muralista Paulo de Siqueira. **Jornal A Notícia**, Joinville, 7 ago. 1997. Anexo.

SILVEIRA, Felipe. Após restauro, estátua que homenageia trabalhadores é reinstalada. **O Mirante**. 15 jun. 2020. Disponível em:
<<https://omirantejoinville.com.br/2020/06/15/apos-restauro-estatu-a-homenageia-trabalhadores-reinstalada/>>. Acesso em 23 mar. 2021.